

**XXX CONGRESSO NACIONAL
DO CONPEDI FORTALEZA - CE**

GÊNERO, SEXUALIDADES E DIREITO I

YSMÊNIA DE AGUIAR PONTES

THIAGO ALLISSON CARDOSO DE JESUS

LIVIO AUGUSTO DE CARVALHO SANTOS

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Membro Nato - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

G326

Gênero, sexualidades e direito [Recurso eletrônico on-line] Organização CONPEDI

Coordenadores: Livio Augusto de Carvalho Santos; Thiago Allisson Cardoso de Jesus; Ysmênia de Aguiar Pontes. – Florianópolis; CONPEDI, 2023.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-889-9

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Saúde: Acesso à justiça, Solução de litígios e Desenvolvimento

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direito. 3. Gênero e sexualidades. XXX Congresso Nacional do CONPEDI Fortaleza - Ceará (3; 2023; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



XXX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI FORTALEZA - CE

GÊNERO, SEXUALIDADES E DIREITO I

Apresentação

O XXX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI (Fortaleza-CE), realizado em parceria com o Centro Universitário Christus - Unichristus, entre os dias 15 e 17 de novembro de 2023, apresentou como temática central “Acesso à Justiça, Solução de Litígios e Desenvolvimento”.

Os trabalhos contidos nesta publicação foram apresentados como pôsteres no Grupo “GÊNERO, SEXUALIDADES E DIREITO”. Todos passaram previamente por, no mínimo, dupla avaliação cega por pares. Durante o evento, os trabalhos expostos foram novamente avaliados em dupla rodada, o que atesta a qualidade do conteúdo e promove ricas discussões sobre cada uma das pesquisas. Foram apresentados resultados de pesquisas desenvolvidas em diversas instituições do país, que retratam parcela relevante dos estudos que têm sido produzidos na temática central do Grupo de Trabalho.

Importante destacar a qualidade dos trabalhos apresentados pelos pesquisadores que engrandeceram esse encontro e trouxeram diversidade e pesquisas acadêmicas de bastante relevo.

Espera-se, então, que o leitor possa vivenciar parcela destas discussões por meio da leitura dos textos. Agradecemos a todos os pesquisadores, colaboradores e pessoas envolvidas nos debates e organização do evento pela sua inestimável contribuição e desejamos uma proveitosa leitura!

Prof. Dr. Thiago Allisson Cardoso de Jesus (UEMA/UNICEUMA)

Prof. Dra. Ysmênia de Aguiar Pontes (UNINTA)

Prof. Me. Livio Augusto de Carvalho Santos (UNIMAR)

" VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA E A PERPETUAÇÃO DA EXCLUSÃO DAS MULHERES DOS ESPAÇOS DE PODER"

Lívia Teixeira Moura Lobo¹
Helena Laura Farias Figueiredo

Resumo

O patriarcado sustenta a dominação masculina baseando-se em instituições como a família, as religiões, as leis e, principalmente, a cultura. Por estas, utiliza-se de construções metafóricas que naturalizam a subordinação do gênero feminino (Lerner, 2019). Neste sentido, entende-se que a violência simbólica de gênero é uma violência de caráter silencioso, que utiliza-se dos meios de comunicação para reforçar ideais de dominação e subordinação. Conceituada por Antônio Gramsci, a hegemonia cultural se refere a influência exercida por um grupo dominante na definição das normas, valores, símbolos e perspectivas de vida, moldando a identidade de uma sociedade. Neste sentido, sob os moldes da linguagem dominante do patriarcado, convenção (in)conscientemente ainda desenvolvida, a indústria cinematográfica nasce em Hollywood, como uma via comercial para expressar, unilateralmente, a visão das fantasias masculinas a respeito do gênero feminino. Nota-se então, que a massa de filmes comerciais apresenta uma visão deturpada do ser mulher, que é subtraída nas produções a uma óptica fetichista, objetificada, estigmatizada, além de ser sub-representada. O que configura não só o reforço aos ideais machistas, como também contribui para a decadência da autopercepção feminina e sua autoestima que não é incentivada a se projetar em posições de comando. Deste modo, as posições de poder no Brasil são carentes de representatividade feminina nos mais diversos âmbitos, as afastando de funções relevantes no contexto social e de decisões importantes. Fato este que, por consequência, distancia as mulheres da garantia e efetividade de seus direitos, bem como na produção destes. Assim, a exposição de ideais patriarcais implícitos nas artes, constrói no indivíduo a sua autopercepção no cenário social, bem como, quais realizações lhe são cabíveis na vida, de acordo com seu gênero, o que afeta, sobretudo, as mulheres (Amaral, 2018; Lerner, 2019). Ao observar as principais obras cinematográficas comercializadas, desde o surgimento da sétima arte até a atualidade, nota-se que há a ausência de mulheres na produção de roteiros, produção, direção das obras, assim como a divisão desigual de papéis e tempo de tela entre os gêneros. Sabendo também que a arte atua como um espelho da sociedade, vê-se que a produção cinematográfica não só expressa ideais patriarcais já preestabelecidos, como também atua no reforço destes mediante as produções. Diante destes conhecimentos, a pergunta norteadora da pesquisa fora “Como a representatividade feminina nas produções cinematográficas impactam no corpo social?” Neste cenário, percebe-se que a construção de personagens femininas carecem de enredos profundos e autênticos, sendo com constância, fetichizadas e objetificadas, além de que, em geral, assumem papéis secundários, existentes apenas para complementar a narrativa do

¹ Orientador(a) do trabalho/resumo científico

protagonista homem. Desse modo, o estudo presente busca compreender as raízes da problemática, assim como suas consequências para a autopercepção feminina a respeito do seu papel no contexto social, assim como as possibilidades que lhe são cabíveis na vida. Não só isso, como também associar tal fato a ausência de mulheres em cargos de poder em todos os âmbitos da sociedade, dando prioridade ao eixo político, sendo este o motor de efetivas mudanças sociais que venham a atingir a equidade de gênero. O objetivo deste trabalho é analisar como a expressiva massa de filmes comerciais produzidos influenciam na reafirmação de padrões patriarcais pré-existentes, assim como na perpetuação destes. Além disso, analisar os impactos que tal reforço negativo tem no contexto social, não só na distorção do imaginário masculino a respeito do ser mulher, como também observar as implicações que as representações estereotipadas femininas têm sobre as relações entre os gêneros e público feminino, que diz respeito a autoconcepção e acesso à justiça. Desse modo, relacionar como a conservação de ideais patriarcais nas telas, sujeitam as mulheres a uma normalização de violências silenciosas, práticas abusivas e contextos de submissão, o que fere seus direitos e garantias individuais. O presente estudo é uma pesquisa bibliográfica, teórica e exploratória, desenvolvida através de revisão analítica de literatura. Em conclusão, Thorne, (1993) evidenciou que as crianças se utilizam de estereótipos de gênero presentes em produções audiovisuais, conferindo a esta o papel de perpetuação de papéis de gênero. Deste modo, pode-se inferir que as representações nos filmes possuem poder de influenciar a autoconcepção do indivíduo e sua visão de mundo, e quando tais obras disseminam a linguagem patriarcal, reforçam tal convenção (in) conscientemente. Para as mulheres, ao crescerem em meio a convenções que reforçam sua submissão, torna-se mais difícil se projetar em papéis de poder no contexto social, o que as distancia de almejam ocupar cargos de alto-escalão e de interessar-se por segmentos da sociedade, entre eles o político, que carece de representatividade feminina. Consequentemente, as produções legislativas pouco atendem às demandas femininas, que são continuamente negligenciadas, distanciando a sociedade da sonhada equidade de gênero (Lerner, 2019). Notou-se também que a maioria das produções ainda é majoritariamente elaborada por homens, que disseminam suas perspectivas em detrimento da visibilidade e imagem feminina. Consequentemente, as perspectivas masculinas a respeito do “ser mulher” é deturpada, se limitando a estereótipos. Além disso, as produções cinematográficas realizadas por homens (veladamente, endereçadas a outros homens), ressaltam, de forma implícita, as idealizações e desejos masculinos a respeito do feminino, projetando, nas personagens, o padrão de “mulheres ideais”. Como sequela, os ideais imaginados se chocam com a realidade presente, e tal quebra de expectativa acaba por resultar em uma desarmonia comunicativa entre os gêneros, que pode elevar-se até a condutas de cunho violento (Gubernikoff, 2017; Mulvey 1975).

Palavras-chave: violência simbólica, patriarcado, representatividade feminina

Referências

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema – uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: Representação da mulher no cinema. Artigo publicado na revista Conexão – Comunicação e Cultura (UCS), 2017.

LERNER, G. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MALUF, S. W.; MELLO, C. A. DE .; PEDRO, V.. Políticas do olhar: feminismo e cinema em Laura Mulvey. Revista Estudos Feministas, v. 13, n. 2, p. 343–350, maio, 2005.

MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and Narrative Cinema." Screen, v. 16, n. 3, p. 6-27, Autumn 1975.

THORNE, Barrie. Gender Play: Girls and boys in school. Estados Unidos: MCGRAW-HILL PROFESSI, 1995.